



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |   |  |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias   |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |   |  |

## **Cidade Emoção: o olhar e o viver urbano por um grupo de jovens da comunidade da Carobinha no Rio de Janeiro<sup>1</sup>**

*Emotion City: It is a special look and about the urban live of young people group the neighborhood called as community of Carobinha in Rio de Janeiro*

*Ciudad emoción: Punto de vista y modo de vida urbano de un grupo de jóvenes de la comunidad de La Carobinha en Rio de Janeiro*

COELHO, Glauci (1)

(1) Doutoranda, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, PROURB, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; email: coelhoglauci@gmail.com.br

<sup>1</sup> Este artigo é o resultado parcial das pesquisas de doutorado em urbanismo em andamento no Programa de Pós-graduação em Urbanismo (Prourb – FAU – UFRJ), sob orientação da professora Luciana da Silva Andrade (Prourb – FAU – UFRJ), no âmbito do grupo de pesquisa CiHabE (Cidade, Habitação e Educação), e coorientado pela professora Vera Maria Ramos de Vasconcellos (Faculdade de Educação – UERJ).

## **Cidade Emoção: o olhar e o viver urbano por um grupo de jovens da comunidade da Carobinha no Rio de Janeiro**

*Emotion City: It is a special look and about the urban live of young people group the neighborhood called as community of Carobinha in Rio de Janeiro*

*Ciudad emoción: Punto de vista y modo de vida urbano de un grupo de jóvenes de la comunidad de La Carobinha en Rio de Janeiro*

### **RESUMO**

Este trabalho entende a cidade através do olhar de um grupo de jovens que habita um lugar sujeito às condições de pobreza. O que nos move é conjecturar como, a partir das emoções, tais jovens são capazes de construir em processos interacionais no e com o espaço urbano, a percepção de cidade ao localizarem nesta, suas identidades. Para a caracterização desta cidade, que convençamos chamar “cidade emoção”, coletamos as representações que os jovens expressam em desenhos e falas sobre o espaço urbano, uma vez que são imagens gravadas no imaginário coletivo. O objetivo de nossa pesquisa foi entender o espaço vivenciado do Rio de Janeiro, através dos processos perceptivos de jovens que trazem à tona a ambiência urbana à medida que revelam a identidade do território cotidiano de suas experiências (THIBAUD, 2008). Por conseguinte, essa relação interacional dos jovens, converte-se em uma das peças fundamentais e tecedoras da construção do indivíduo, que analisamos com base na ideia de Vygotski (1998). Nesse contexto teórico, nosso objeto de estudo, a cidade, se coloca culturalmente como uma comunidade emocional (MAFFESOLI, 2010), de domínio dos seus habitantes, porém, está no território apropriado o centro de onde emana o entendimento do que é o todo urbano (RAFFESTIN, 1995).

**PALAVRAS-CHAVE:** território, comunidade emocional, identidade

### **ABSTRACT**

*This report tries to understand the city through the look of young people that lives in a place expose to poverty conditions. What move us to try understand how, starting to the feelings, those young people are able to construct in interaction process in and with urban space, the perception of city to the notice their identities in it. To characterization of this city, that we decide to call “emotion city”, so was collected representations that they usually express at drawings and speeches about the urban space, since they are captured images at collective imaginary of the habitants. The objective of this research has been to try understand the living area to the Rio de Janeiro, through to young peoples’ perceptive processes bring up urban ambience as they reveal identity territory and daily experiences (THIBAUD, 2008). Therefore this young people’s interaccional relation, became itself at one of most important parts at development for the individual that was analyzed having at base Vygotski’s idea (1998). This theory context, our object of study, the city, take itself culturally as one emotional neighborhood (MAFFESOLI, 2010), of habitants’ domain, although it is in a territory belongs to the city habitants, the center where the knowledge come from that is the all urban (RAFFESTIN, 1995).*

**KEY-WORDS:** territory, emotional neighborhood, identity

### **RESUMEN**

*Este trabajo entiende la ciudad mediante la mirada de un grupo de jóvenes que habita un lugar bajo condiciones de pobreza. Lo que nos lleva a conjeturar como, mediante las emociones, tales jóvenes son capaces de construir procesos de interacción – en – y – con – el espacio urbano, como perciben la ciudad al localizar en ella sus identidades. Para caracterizar ésta ciudad, que hemos convenido en llamar “ciudad emoción”, procuramos recoger las representaciones que los jóvenes expresan en dibujos y charlas sobre el espacio urbano; toda vez que son imágenes grabadas en el imaginario colectivo de los habitantes. El objetivo de nuestra investigación ha sido entender el espacio experimentado en la vivencia cotidiana de*



*Rio de Janeiro, mediante los procesos perceptivos de jóvenes que provocan la sensación urbana del ambiente a medida que revelan la identidad del territorio cotidiano de sus experiencias (THIBAUD, 2008). Por consiguiente, esa relación interactiva de los jóvenes, se convierte en una de las piezas fundamentales que tejen la construcción del individuo, concepto que analizamos basándonos en las ideas de Vygotski (1998). En ese contexto teórico, nuestro objeto de estudio – La Ciudad – se entiende culturalmente como una comunidad emocional (MAFFESOLI, 2010), de dominio de sus habitantes, puesto que, en el territorio apropiado está el centro de donde emana el entendimiento de todo lo que es considerado urbano (RAFFESTIN, 1995).*

**PALABRAS-CLAVE:** territorio, comunidad emocional, identidad

## 1 INTRODUÇÃO

(...) quer seja pelo contato, pela percepção, ou pelo olhar, existe sempre algo de sensível na relação de sintonia [empatia] (MAFFESOLI, 2010, p.129).

Este trabalho entende a cidade como resultante de processos interacionais que tanto constroem o conhecimento das nuances referenciais daquilo que ela seja, como envolve neste processo, o olhar sensível daquele que vivencia o espaço urbano. Por isto, vislumbrando tanto o olhar como o viver urbano, que, em contato com o outro, são capazes de nos informar e nos transformar.

Assim, com base em tais considerações iniciais, partimos do pressuposto que o conceito de cidade é algo socialmente construído dentro dos grupos sociais a que pertencemos (VYGOTSKI, 1998), e que é aqui embasado no entendimento do que seja a “comunidade emocional” enunciada por Maffesoli (2010). Acreditamos que a emoção tece dialogicamente as experiências vivenciadas no território (RAFFESTIN, 1995, 1977) a partir do olhar, síntese dos processos perceptivos, a construção do que seja para nós o conhecimento de cidade.

Tal conhecimento é trazido à tona quando indagamos um grupo de jovens entre 15 e 17 anos que habita a cidade do Rio de Janeiro, a partir da Comunidade da Carobinha, loteamento irregular no subúrbio da cidade. A investigação parte do fazer etnográfico participativo que registra no caderno de campo falas e impressões dos autores, para posterior construção do que seja a “cidade emoção” expressa por uma comunidade emocional.

## 2 O OLHAR E O VIVER URBANO

Partimos do princípio que as experiências humanas são produzidas entre o olhar (perceber pelos processos perceptivos) e o vivenciar (acumular experiências). Esta relação entre perceber e viver localizam identidades, à medida que constitui territórios cotidianos de domínio que se tornam cada vez mais complexos pelos movimentos de desterritorialização e reterritorialização.

Para compreendermos a complexificação interna do território vivido, e as relações de reciprocidade na sua constituição, se faz necessária captar o sentido de diferenciação e ressignificação da paisagem urbana ressaltando o simbolismo da sua forma e funções, através das apropriações. Com isto, algo que antes era simplesmente categorizado pela dimensão do olhar, agora incorpora o viver.

Com base em tais considerações, é importante pensarmos a paisagem como um sistema arranjado de elementos variados, ou de uma maneira muito teórica e elementar, a paisagem é uma combinação de unidades que possibilita diversas morfologias. Trata-se, pois, de uma

sintaxe geográfica, uma frase que combina diferentes elementos, que responde a fins práticos e que concentra em si a experiência que serve a conservação e transmissão de informações, mas que em geral, pode, se interpretada somente por seu aspecto visual, mascarar os limites e significações do território (RAFFESTIN, 1977, pp.127-129).

Estamos dizendo com isso, e com base nas informações de Raffestin que a dimensão visual que confere maior ou menor grau de espetacularidade a paisagem, não é suficiente para descrevê-la em nosso estudo, a partir do momento que as diversas possibilidades de arranjos que criam os territórios nos imaginários da juventude são colocadas em relação também pela dimensão viver como aporte sociocultural. Assim sendo, faz-se necessário capturar uma “linguagem da territorialidade” (RAFFESTIN, 1995) que irá nos permitir perceber as relações vividas nas apropriações dos espaços pelos processos perceptivos evocados pelo olhar urbano.

A linguagem da territorialidade trata de uma relação, um processo capaz de criar territórios humanos carregados de significados, que se desterritorializam no espaço-tempo, para em seguida reterritorializar a experiência humana em novas significações. Tal linguagem é definida, sobretudo, como um processo de troca de informações ou de comunicação que se desenrola numa rede complexa como uma interface biossocial (RAFFESTIN, 1995).

Isto nos anuncia que a linguagem da territorialidade deve nos impelir a compreensão do mundo pelo conjunto formado pelos fatores que anunciam a linguagem da paisagem e a linguagem do território, como “*aspectos paralelos*” (CULLEN, 1983, p.10) que ocorrem em um determinado ambiente e que é capaz de suscitar reações emocionais, o que delimita a cidade como “*uma ocorrência emocionante no meio-ambiente*” (p.10).

### 3 A CIDADE EMOÇÃO

#### UM CONCEITO SOCIALMENTE CONSTRUÍDO

É importante delimitarmos de início, que consideramos a emoção como uma categoria de análise, e que é considerada pela antropologia como algo capaz de organizar o conhecimento que construímos sobre o que é real através das nossas interações. Por isso, a emoção é uma categoria de análise que se estrutura não apenas como algo da subjetividade, mas, sobretudo como algo “*(...) que tem efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo*” (REZENDE & COELHO, 2010, p.13).

Com isso, quando dizemos cidade emoção, estamos conjecturando o espaço urbano como uma materialidade que ganha significação à medida que nos relacionamos com o mundo tanto pelos processos perceptivos como pelos sócios culturais, ao colocar em evidência as linguagens da paisagem e territorialidade, processos estes, capazes de, como citamos anteriormente, suscitar reações emocionais que irão afetar nossa interpretação da realidade. Assim, a cidade emocional construída por cada um dentro do corpo social, constitui-se como um processo de conhecimento auto-eco-organizável<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A auto-eco-organização é um termo definido por Morin e Le Moigne que trata da construção da autonomia através da apropriação das informações, que são reintegradas na organização do pensamento, e que é válida para tudo quanto é vida, em que está “*(...) de modo irreduzível e inseparável, a ideia de indivíduo (ego)*” (MORIN & LE MOIGNE, 2000, p.204).

Afirmamos assim, que consideramos a cidade emoção como um produto do conhecimento, que para cada indivíduo ou grupo é um conceito socialmente construído. Por isto, trazemos de Vygotski (1998), que a formação dos conceitos é uma operação intelectual que une tanto diferenças como similaridades, e tem como mediador central o significado da palavra que designa as coisas no mundo, e que centraliza a atenção, abstrai traços, sintetiza-os e simboliza-os através de um signo (VYGOTSKI, 1998, p. 101.).

Vygotski (1998) acredita que o desenvolvimento dos conceitos ocorre tanto de maneira espontânea como intencional, ou seja, de forma instrucional. O que ele denominou, respectivamente, de conceitos cotidianos e conceitos científicos. Eles se relacionam e se influenciam mutuamente, e são mutuamente estimulados (VYGOTSKI, 1998, p. 107.). É importante balizar que quando o autor usa a palavra espontânea para se referir à formação de conceitos, esta “(...) é sinônimo de não-consciente, [uma vez que] ao operar com conceitos espontâneos, a criança não está consciente deles, pois a sua atenção está centrada no objeto (...), nunca no próprio ato do pensamento” (p. 115).

Resumidamente, a formação dos conceitos através da mediação da palavra a partir da comunicação egocêntrica (interna) à socializada (demarcação de territórios) é um processo relacional, que é possível somente através das interações as quais somos submetidos por fora das circunstâncias ou que escolhemos vivenciar. Isto nos enuncia que mesmo a identidade individual – “o eu”, somente é possível em um processo sócio histórico através da identidade coletiva – “o nós”. Assim, nos é pertinente pensar que o conhecimento emocional ocorre imerso em uma comunidade também emocional.

### **A COMUNIDADE EMOCIONAL E AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DOS GRUPOS**

A construção auto-eco-organizável do conhecimento expressa anteriormente por Morin é enunciada por Maffesoli (2010) como orgânica. Este autor trata tal organicidade como um retorno ao vitalismo, ou seja, a vida universal presente em pequenos grupos contemporâneos, e que é capaz de esclarecer a “(...) emoção e a dimensão afetual” (2010, p.27) que estruturam suas realidades.

Para esse autor, na contemporaneidade a lógica das identidades compartimentadas, estanques e que reduzem indivíduos está diluída, e o que Maffesoli chama de “(...) a metáfora das tribos” contribui para o entendimento do processo de desindividualização, em que os indivíduos passam a ter uma atuação coletivista dentro de diversas tribos, e que por sua vez, não estão restritos a uma única identificação tribal. Isto significa que ao transitar entre uma tribo e outra, o ser passa a possuir múltiplas identidades “(...) como nebulosas de pequenas identidades locais” (MAFFESOLI, 2010, p.36).

Esse movimento dos indivíduos é percebido através da nova ordem social, e é o que Maffesoli diz ser fruto do deslocamento e tensão que parte da antiga ordem calcada em uma estrutura mecânica do social à atual estrutura complexa ou orgânica da sociabilidade. A primeira ordem social considera a função dos indivíduos em grupos contratuais, já a segunda considera o papel das pessoas em tribos afetuais (MAFFESOLI, 2010, p.31).

Com base em tal entendimento, o autor coloca ainda, que as novas experiências de sociabilidade podem ser analisadas através do conceito de tribalismo presente na comunidade emocional. E o que é esta comunidade emocional para Maffesoli? Resumidamente a comunidade emocional está pautada em três paradigmas: o estético; o ético, e; os de costumes.



O **paradigma estético** considera a multiplicidade do eu, personas (personagens), e o que serve para a reflexão sobre as múltiplas identidades é a ambiência<sup>3</sup> de fundo em que se instalam os eventos, não somente a vida vivida, mas também a percebida, qual seja, “(...) o *sentido de vivenciar e sentir [viver e ver pelos processos perceptivos]*”, e que tende a construir uma estética comum sobre o real (MAFFESOLI, 2010, p.37).

O **paradigma ético** considera o conformismo existente em cada comunidade, ou a “aceitação” dos fatos, qual seja “*a lei do meio*” que fundamenta a ética comunitária. O que é tratado neste âmbito é o “*estar-junto solidário*” (MAFFESOLI, 2010, pp.45-46).

O **paradigma de costumes** considera a maneira de fazer de uma comunidade, que fundamenta o seu estar-junto. O que está em questão são os aspectos rituais, as experiências, pois o cotidiano é fundamentado por ações livres e relacionais (MAFFESOLI, 2010, pp.54-55).

Os paradigmas que fundamentam a comunidade emocional se manifestam através da comunicação que estabelecemos com o mundo, por isso entrelaçam o território à língua<sup>4</sup> na constituição das diversas territorialidades. Raffestin (1995) nos aponta que é difícil imaginarmos situações nas quais língua e território não estão envolvidos de uma maneira ou de outra, nas quais esses mediadores não joguem um papel qualquer na construção das subjetividades e do sentido coletivo (RAFFESTIN, 1995, p.90).

Esses mediadores na construção da subjetividade, território e língua, metodologicamente são analisados através das nuances espaciais dos seguintes territórios:

O **território cotidiano**, onde se desenrola a vida do dia-a-dia. Nesse território se constrói as necessidades de segurança, pertencimento, afetividade entre outros; O **território de trocas**, um território em movimento que não deve ser cartografado na escala do lugar, mas sim do planeta. Na escala da localidade, acreditamos que ele acontece nas sutilezas das relações de posse e poder de consumo; O **território referencial**, que é o território ancestral e que diz respeito à memória de um povo ou grupo. Estes “(...) *não podem ser habitados no sentido material do termo, mas eles podem ser no sentido ideal, pela e através da língua*” (RAFFESTIN, 1995, p.99); O **território sagrado** é importante por seu aspecto abstrato que organiza o real, e onde dificilmente se observa a transgressão, pois essa é punida, quando não fisicamente, é punida psicologicamente.

#### 4 A APROXIMAÇÃO COM O OBJETO DE ANÁLISE

Consideramos que nossa pesquisa observa as representações do lugar, através das nuances entre o perceber e o viver ambiências, tendo como foco a emoção, positiva ou negativa, que mantemos com a cidade. Por isto, a nossa aproximação com o objeto de análise se faz pela etnografia que, especificamente trata a emoção como as impressões que qualificam um determinado objeto e que são também expressas principalmente através das falas dos que nos informam (REZENDE & COELHO, 2010; KOURY, 2009).

<sup>3</sup> O “espaço, arquitetonicamente organizado e animado, que constitui um meio físico e, ao mesmo tempo, meio estético, ou psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas” (AURÉLIO, 2004).

<sup>4</sup> Importante destacar que o termo língua para definir a comunicação humana, não tem aqui a intenção reducionista que considera a fala verbalizada, que demarca territórios, como única forma de expressão. Por isso, esta pesquisa se debruça também sobre a expressão corporal, evidenciadas pelas escolhas de movimentação (trajetos) no espaço urbano, textos e imagens desenhadas ou fotografadas por nossos informantes em campo.

Porém, esta fala está associada à apropriação que fazemos do lugar, à medida que esta é capaz de nos informar e captar a experiência sensível, através da percepção em movimento, por meio de três atividades ao mesmo tempo: “caminhar, perceber e descrever” (THIBAUD, 2003, p.3).

Nesse sentido, Thibaud (2008) nos esclarece a importância de uma etnografia, através do método do percurso comentado, comprometida com a percepção e representação produzida por todos os atores envolvidos, quais sejam, os *“eu, tu, ele: caminhando com três pessoas”* (THIBAUD, 2008).

O “EU” neste caso somos o “NÓS” pesquisadores do CiHabE<sup>5</sup>. De qualquer forma a primeira pessoa, que experimenta a descoberta de um novo território urbano através do caminhar, é *“[o] primeiro contato com um espaço não conhecido e de novas ambiências”* (THIBAUD, 2008, p.2). O “TU” volta o olhar para a fala do outro. Não são mais nossas impressões ao caminhar livremente, mas as impressões daquele que nos leva no caminhar ou que são entrevistados no decorrer do trajeto. Já o “ELE”, consiste em nos colocar ao ritmo dos passantes pura e simplesmente, e em diversas horas do dia, os quais nós observamos à distância, nos posicionando em um ponto específico do território, mas que, não está envolvido diretamente nesta pesquisa.

Então, o que se coloca em nossa experimentação neste momento é o “caminhar, perceber e descrever” o olhar e o viver urbano por quem e onde.

Na intenção de captar a dimensão emocional do espaço, buscamos um grupo de jovens adolescente como informantes, e o lugar a partir do qual eles deram vazão às emoções na descrição da cidade, foi o local onde eles moram, o Jardim Nossa Senhora das Graças, loteamento irregular mais conhecido como Carobinha, no bairro de Campo Grande, zona oeste do Rio de Janeiro.

---

<sup>5</sup> Grupo de pesquisa Cidade, Habitação e Educação (CiHabE).



## 5 TERRITÓRIOS APROPRIADOS E REPRESENTADOS PELA JUVENTUDE

A partir do percurso metodológico apontado, nossas análises estão focadas em desvendar o que os territórios, cotidianos, de trocas, referencial e sagrado (RAFFESTIN, 1995) são para um grupo de jovens que moram na Carobinha. Entenderemos, através das considerações analíticas que se seguem, que as interpretações dos jovens são constituídas de aspectos emocionais que organizam suas percepções e reações no e com o mundo, e deixam claro que integram uma comunidade emocional.

Por isso, nada melhor para iniciar nossas considerações sobre a cidade emocional, e exemplificar tal efervescência juvenil, alternada por tensões e momentos de relaxamento, do que o conflito de estranhamento e resistência expressado pela jovem Gabriela<sup>7</sup> quando perguntamos ao grupo como era a Carobinha.

[sic] Professor<sup>8</sup>: Fala Gabriela, olha pra cá... Gabrieela? Gabriela? Olha pra cá e fala como é a sua comunidade.

[sic] Gabriela: MINHA COMUNIDADE É CHATA. (ANEXO 1, CADERNO DE CAMPO, PRIMEIRO DIA)

O que percebemos é que, de maneira geral, primeiramente os jovens reagem negativamente quando inqueridos sobre como é o lugar em que moram, mas tal reação é seguida de um discurso contraditório, carregado do mesmo conformismo que trata o paradigma ético de Maffesoli (2010), ao descreverem um lugar, que apesar da precária infraestrutura urbana, é capaz de acolher e posicionar suas identidades.

[sic] Gabriela: O lugar que eu moro é um pouquinho ruim, pois não tem NADA. Para nos divertimos temos que sair de casa e ir para outro lugar. É MUITO CHATO porque não tem adolescente da minha idade e os que têm só gostam de jogar bola, soltar pipa e ficar correndo para cima e para baixo que nem malucos. EU NÃO SAIRIA DO LUGAR ONDE MORO, pois é um lugar onde eu tenho paz e tranquilidade de espírito, só que melhorasse em muitos aspectos e o primeiro seria o saneamento e a drenagem do rio, pois todas as vezes que chove muito forte, o rio enche, transborda, e enche a minha casa e as casas de outros vizinhos. Queria que colocassem pelo menos um campo ou uma praça em frente a minha casa, onde tem um "sítio", pois ele é grande e tem bastante espaço para que algum deputado (ou seja, lá o que for) possa fazer a praça. CONCLUINDO, O LUGAR ONDE EU MORO É CHATO, MAS É BOM AO MESMO TEMPO, EXISTEM PESSOAS QUE ESTÃO PIORES OU NÃO TEM LUGAR ONDE MORAR. (ANEXO 1, CADERNO DE CAMPO, PRIMEIRO DIA).

Logo de início, é importante percebermos que a condição de pobreza dada pela precária infraestrutura urbana é algo percebido e entendido pelos jovens da Carobinha como um ponto central de distanciamento entre outras realidades urbanas. Isto fica claro à medida que o exploramos o caderno de campo. Meninos e meninas percebem, no contexto da juventude, a cidade pelas suas nuances socioculturais da mesma forma, contudo, ainda que o debate de gêneros não faça parte da nossa pesquisa, os jovens se dividiam em campo desta maneira. Assim, é importante trazeremos o discurso expresso pelos meninos e pelas meninas.

A filmagem dos meninos teve como mediador ativo "O professor" que indicava o que tinha que ser filmado, e isso desviava a atenção deles, que estavam preocupados de fato com o campo de

<sup>7</sup> Os nomes dos jovens foram alterados para preservar suas identidades.

<sup>8</sup> Forma como os jovens se referiam ao "orientador social" do Programa Projovem Adolescente. Este desempenha a "função-chave" de facilitar a trajetória de cada jovem e do coletivo juvenil na direção do desenvolvimento pessoal e social, contribuindo para a criação de um ambiente educativo, participativo e democrático. No enfrentamento desses desafios contará com o apoio e a assessoria do profissional de nível superior do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), encarregado de supervisionar a execução do serviço socioeducativo.  
[http://www.social.mg.gov.br/documentos/Subsecretaria\\_Assistencia\\_Social/bb%20virtual/Caderno\\_02\\_\\_Tracado\\_Metodologico.pdf](http://www.social.mg.gov.br/documentos/Subsecretaria_Assistencia_Social/bb%20virtual/Caderno_02__Tracado_Metodologico.pdf) (Acessado em: 12-Fev-2013).

futebol ou jogos de interação. Isso ressalta a força do futebol no imaginário masculino de jovens que podem ter neste, uma maneira de subverter sua condição de pobreza. O campo de futebol é uma representação recorrente nos desenhos dos meninos como positivamente do espaço.

Figura 2 - Desenho do Igor em maio de 2012



Fonte: Caderno de vivências urbanas, CiHabE, Prourb, FAU, UFRJ.

Já o percurso comentado pelas meninas, não teve a força da mediação do “O professor”. Elas ficaram livres para dar vazão as suas impressões sobre o espaço urbano. De maneira mais crítica, elas identificam a comunidade através da territorialização do controle dado pelo crime organizado<sup>9</sup>. Quando perguntamos sobre a organização de uma ocupação de moradores em um terreno, elas logo deixaram claro que aquilo tinha sido uma ação dos milicianos.

[sic] Juliana: ... Eles é quem tiraram o mato, os MM’s.

Também nos foi possível detectar através dos Jovens, o entendimento de territórios caracterizados pelas relações de trocas, pelos simbolismos, e mesmo por aspectos que dizem respeito ao sagrado.

As relações de trocas são visíveis através da plena consciência que os jovens da Carobinha têm do valor de compra dos pequenos objetos que fazem parte do seu cotidiano. Relacionam os valores dos objetos ao lugar, e por meio deste entendimento, se incluem ou excluem de determinado cotidiano.

[sic] Romário: Mais um pouco a frente tem um negócio ali... É tipo um ponto. É caro pra “caraca” as coisas lá entendeu. Fui pra comprar um negócio ali, um doce um Real, caro pra “caraca”. Não aconselho ninguém a comprar nada ali. (SEGUNDO DIA, ITEM A).

[sic] Márcia: (...) Manicure! Quanto “tá”? Nossa! R\$14,00! Caro! Deve ser muito chato morar aqui. (ANEXO 1, TERCEIRO DIA, ITEM B).

Já o território referencial que diz respeito à memória, percebemos um território que é referencial real e outro que é ideal. O primeiro diz respeito à materialidade de nossas experiências e que se relaciona tanto ao passado como ao presente, e o outro considera a imagem, muitas vezes utópicas que projetamos sobre qualquer fato ou coisa, e que incorpora o tempo futuro como possibilidade.

<sup>9</sup> A comunidade da Carobinha é submetida ao controle dos milicianos, denominados pelos jovens de “Os MM’s”, sigla para meliantes milicianos.



Os jovens nos apontaram o *território referencial real* como o lugar afetivo, que tanto pode ser um lugar de construção da identidade através dos aspectos positivos, como dos negativos, ou seja, aquele lugar, que mesmo que saibam que pertence as suas realidades, eles tentam negar ou excluir de seus cotidianos.

Um exemplo de lugar referencial real afetivo para esses jovens é o espaço da escola, primeiro lugar onde eles têm a possibilidade de se socializarem e expandirem suas identidades nas interações cotidianas. A escola é um lugar vivo na memória desses jovens, o qual eles revisitam a todo instante para descrever o lado melhor de suas vidas.

[sic] Márcia: (...) Ih! “a lá” passei anos da minha vida nessa rua... Meu antigo colégio, tipo... Meu primeiro colégio.

[sic] Márcia: É essa aqui! A Casa da Criança. Eu não tive creche, eu vim direto “pra” cá. Geeeente! Quanto tempo eu não entro nessa casinha [casinha de bonecas].

Porém, o lugar referencial real afetivo pelos aspectos negativos, ou seja, o lugar negado, também se faz aparecer nas falas dos jovens, o que revela a nuance emocional que eles “travam” com a comunidade. O lugar negado é associado à imagem do tráfico de drogas que antes dos milicianos “controlava” o território da Carobinha, e que para esses jovens, é a pior imagem e a qual nenhum deles quer estar associado.

[sic] Gabriela: Tem uma farmácia perto de onde eu moro que é na quadra 100... Perto, eu não moro na quadra 100... Graças a Deus, Deus me livrou desse mal!

[sic] CiHabE: O que é que tem na quadra 100?

[sic] Gabriela: Muita coisa que não presta.

[sic] CiHabE: E o que é coisa que não presta?

[sic] Gabriela: Porque, é... Quando era bandidagem aqui, aí...

[sic] Gabriela: É... o pessoal só ficava lá, então a quadra 100 é tida como favela, como coisa que não presta, como lugar que não presta. (ANEXO 1, SEGUNDO DIA, ITEM E).

[sic] Franklynn: Não é um lugar péssimo. É que ninguém gosta de lá entendeu.

[sic] Gabriela: Ah! Ninguém sabe. Por isso que todo mundo fala: Ah, você mora na 100. Eu falo, eu não moro na 100, eu falo que eu moro depois. (ANEXO 1, SEGUNDO DIA, ITEM A).

Já quanto ao *território referencial ideal*, os jovens mesclam entre aquilo que é esperado de uma cidade, com aquilo que existe de fato e que é razão de ironia para eles. Eles buscam a todo instante, imagens icônicas que servem para tornar positiva a imagem do lugar, como a infraestrutura urbana ou elementos paisagísticos presentes em áreas abastadas da cidade.

[sic] Romário: (...) Olha os coqueiros, que lindo! “Caraca”! Parece Copacabana né, massa! (...). (ANEXO 1, SEGUNDO DIA, ITEM A).

Figura 3 - Palmeiras na entrada da Carobinha.



Foto: Glauci Coelho, Maio de 2012.

Contudo, é evidente que a totalidade do lugar, tal como dito pela jovem Gabriela, no início desta análise, possui infraestrutura deficiente e tratamento diferenciado, no que diz respeito à produção formal do espaço, e isto é por eles ironizado.

[sic] Romário: Olha a rua gente! Olha o cenário! Só Deus na causa.

[CiHabE] Referia-se a Rua Dália que não é asfaltada e cheia de poças d'água acumuladas nos buracos feitos pelo trânsito de veículos.

[sic] Romário: Ôôô... Uma imagem dessas! Nem quero ir a Paris mais.

[sic] Romário: Na zona sul não tem isso, olha o estado [rua de terra com poças d'água].

Nesse contexto de precariedade da infraestrutura urbana, o território sagrado surge como o meio da salvação de suas realidades, através do discurso da aceitação e conformismo. Um território limitado simbolicamente. Discurso este, exemplar do *“estar junto solidário”* que é próprio do paradigma ético caracterizado por Maffesoli (2010, pp.45-46).

[sic] Gabriela: Tem uma farmácia perto de onde eu moro que é na quadra 100... Perto, eu não moro na quadra 100... Graças a Deus, Deus me livrou desse mal! (ANEXO 1, SEGUNDO DIA, ITEM E).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jogo entre os territórios cotidiano, de trocas, referencial e sagrado evidencia um cotidiano que é “dado” pelo sistema a esses jovens, e que por suas situações econômicas têm suas capacidades de consumo dos espaços urbanos litados, pois os mesmos possuem a consciência das realidades a que são submetidos, ao se reportarem aos territórios referencias que evidenciam as diferenças estruturais dos espaços da cidade. O território sagrado entra para explicar o que o sistema não explica e para acomodar suas emoções através do mecanismo de aceitação.

Nossas construções indenitárias conflitam a todo instante entre interioridade-exterioridade, mas o que fica no exterior é exatamente aquilo que construímos com o coletivo, o que ressalta o caráter sócio histórico das sociedades. Maffesoli (2010) nos fala de persona como um “eu público”, ou melhor, aquilo que encenamos parecer, nos diferentes contextos, pois nós somos tantos quantos forem possíveis nossas vivências, mas sempre atrelados a uma tribo e os seus paradigmas estéticos, éticos e de costumes que constituem a “cidade emocional”.



## REFERÊNCIAS

- AURÉLIO. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Positivo informática Ltda.: CD-ROM Versão 5.0, 2004.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia. Curitiba: Editora CRV, 2009.
- MAFFESOLI. Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 4ª ed, 2010.
- MDS (Ministério do Desenvolvimento Social). Projovem Adolescente. Brasília: Governo do Brasil. 2013.  
<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/protecaobasica/servicos/projovem> (Acessado: 14 jan. 2013).
- MORIN, Edgar, MOIGNE, Jean-Louis. A Inteligência da Complexidade. Tradução de Nurimar Maria Falci. São Paulo: Sulina, 2000.
- RAFFESTIN, Claude. Langue et territoire. Autour de la géographie culturelle. In: WALTY, Samuel; WERLEN, Benno. Kulturen und Raum: theoretische Ansätze und empirische Kulturforschung in Indonesien: Festschrift für Professor Albert Leemann. Zurich: Rüegger, 1995. pp. 87-104. <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:4451> (Acessado: 16 dez. 2012).
- \_\_\_\_\_. Paysage et territorialité. Cahiers de géographie du Québec, vol. 21, Nº. 53-54, 1977, pp. 123-134.  
<http://id.erudit.org/iderudit/021360ar> (Acessado: 16 dez. 2012).
- REZENDE, Claudia Barcellos e COELHO, Maria Claudia. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- THIBAUD, Jean-Paul. La parole du public en marche. In: MOSER, Gabriel et WEISS, Karine (Orgs.) Milieux de vie: Aspects de la relation à l'environnement. Paris: Armand Colin Collection « Sociétales », 2003, pp.113-138.  
[http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/doc\\_num.php?explnum\\_id=87](http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/doc_num.php?explnum_id=87) (Acessado: 14 jan. 2013).
- \_\_\_\_\_. Je, Tu, Il. La marche aux trois personnes. Urbanisme. n.359, Mars-Avril 2008, pp.63-65.  
[http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/doc\\_num.php?explnum\\_id=331](http://doc.cresson.grenoble.archi.fr/opac/doc_num.php?explnum_id=331) (Acessado: 14 jan. 2013).
- VYGOTSKI, Lev. Pensamento e Linguagem. Tradução de Jefferson Luiz Camargo; et al. São Paulo: Marins Fontes, 2ª ed, 1998.